

4. O esquecimento, a memória e a boa saúde.

Neste capítulo será discutida a relação entre o ato de esquecer com a conservação de uma vida saudável. A abordagem do assunto se dará com base na Segunda Dissertação do livro *Genealogia da Moral* (1887). Contudo antes de entrar propriamente nesta discussão, começarei traçando, em linhas gerais, as questões que Nietzsche coloca, no Prólogo e na Primeira Dissertação, sobre sua concepção do processo genealógico. Estas colocações servirão, mais adiante, para direcionar a conclusão desta pesquisa.

No Prólogo desta obra de 1887, Nietzsche compara o homem de conhecimento a uma abelha, pois assim como este inseto⁷⁹ protege a sua colméia de forma implacável, o homem dá tanto valor ao conhecimento das coisas que se esquece de se autoconhecer. Porém, se o ser humano se conhecesse de fato, saberia que sua busca não deveria ser o acúmulo de saberes, mas sim a vida, a valoração das paixões e dos desejos. Para Nietzsche, conhecer a si próprio é o mesmo que ouvir o corpo e deixar que suas necessidades mais instintivas se expressem. Contudo, ao inventar a moral o sujeito rompeu com o corpóreo em favor de um “bem maior”, “puro” e “livre” dos desejos da carne. Assim o sujeito passou a desejar o nada, pois este “bem supremo” que se almeja alcançar não passa de uma subversão Metafísica dos Valores. Para Nietzsche, a construção de uma genealogia sobre a moral é justamente uma tentativa de crítica dos valores, assim o processo genealógico se dá a partir do conhecimento das circunstâncias que levaram à exaltação de uma determinada forma de encarar o mundo. Portanto a própria genealogia é uma espécie de antídoto, um medicamento contra a moralização das ações e também contra o aprisionamento dos desejos. A genealogia dos valores possibilita ao ser humano um maior conhecimento de si, pois se utiliza da memória como instrumento, isto é; ela faz uso da rememoração

⁷⁹ Não é a primeira vez que Nietzsche utiliza a metáfora sobre abelhas para designar a busca do homem pelo conhecimento. No texto de 1873, *Sobre a verdade e a mentira*, o conhecimento é comparado a uma colméia: “Tal como a abelha trabalha simultaneamente na construção dos favos e no preenchimento destas com mel, também a ciência trabalha sem cessar neste grande columbário dos conceitos, no sepulcro das intuições, e constrói incessantemente degraus novos e mais altos, dá forma, limpa, renova os favos velhos, e esforça-se sobretudo por encher esta frágil armação monstruosamente alterada e aí arrumar todo o mundo empírico, ou seja, o mundo antropomórfico” (*Sobre a verdade e a mentira*, p. 99).

das condições que levaram o homem a tornar-se um sujeito moralizado⁸⁰. Nietzsche aponta assim uma necessidade de pensar a história, pois, segundo ele, os psicólogos que tentaram fazer uma genealogia da moral basearam-se no espírito a-histórico que persegue os filósofos⁸¹. Assim conceitos, como o de Bem, eram explicados por eles através da utilidade das ações, isto é: fazer o bem de início era praticar uma ação útil, com o passar do tempo, tais utilidades eram esquecidas e transformadas em um hábito. Desta forma as ações boas teriam surgido através de um esquecimento do homem de que a origem do bem se encontra nas ações que lhes são convenientes.

Nietzsche, diferente da interpretação dos psicólogos de sua época, acreditava que as primeiras relações que fizeram o homem conviver em sociedade e estabelecer algo como Bom ou Ruim, não foram criadas a partir da utilidade ou inutilidade dos atos, mas sim através de relações de poder que se estabelecem entre as forças. Portanto a genealogia não deve procurar uma origem das coisas na utilidade ou em qualquer outro modo de encarar aquele conceito. Uma construção genealógica deve partir da criação, ou seja: deve-se primeiro ter em mente, que qualquer tentativa de reconstrução fidedigna dos fatos históricos é pura ilusão e, por isso, em todo momento, a história é recriada por todos. Portanto a história ganha sempre novos sentidos, dependendo da vontade que se apodera dela; isto vale não só para a história como para qualquer outra coisa na qual se pretenda procurar uma origem para sua existência. A genealogia é uma forma de se imprimir novos valores às coisas, ela revaloriza aquilo que se investiga, isto é: ela é sempre um novo poder que se apropria das forças, recriando-as.

Na primeira Dissertação de *Genealogia da Moral*, Nietzsche explica como ocorreu esta inversão moral dos valores nobres para os valores escravos. A metafísica foi a forma inventada pelos fracos, para que estes triunfassem diante dos homens corajosos, pois ela além de apresentar o mundo como uma mera dualidade seja ela entre Empírico e Racional, Bem e Mal, Sensível e Inteligível, ainda bloqueou e moralizou as pessoas. Antes da moral cristã aquele que era

⁸⁰ É claro que a partir dessa lembrança é preciso conseguir livrar-se, esquecer da moral que até hoje permeia nossas ações.

⁸¹ Em *Humano demasiado humano*, Nietzsche já afirmava: “A falta de sentido histórico é o defeito hereditário de todos os filósofos: alguns até tomam de improviso a mais recente configuração do homem, tal como surgiu sob o efeito de determinadas religiões ou mesmo de determinados acontecimentos políticos, como forma fixa, da qual se tenha de partir.” (1997, p. 22).

considerado nobre⁸² partia de uma definição de nobreza que só dependia dele, portanto sua base de interesse para a invenção da moral nobre partia do que era bom para a conservação e expansão da vida. Tratava-se, então de retirar da vida o que ela tem de melhor, onde o parâmetro era o prazer e a felicidade. De um outro lado, o escravo retirava seus fundamentos morais a partir do nobre, ou seja; ele só conseguia se afirmar como bom, se primeiro definisse o outro como mau. Assim o escravo retira sua força moral a partir da falta e da alteridade, enquanto o nobre, através do transbordamento da vida e dos desejos, expande sua potência de viver. O nobre definia o escravo como ruim tendo como ponto de partida ele mesmo, ou seja; definia-se o fraco por simples oposição. Contudo a moral escrava denominou-se boa por primeiro definir a moral nobre como má, assim, é pela negação dos instintos nobres que ela inverteu a equação. Com o cristianismo, a moral dos escravos acabou vencendo e modificando a noção de bom completamente, se antes ser bom era seguir o que sua vontade e seu corpo pediam: os desejos, impulsos e paixões,..., agora ser bom trata-se de podar seus instintos mais amorais, de ajudar e respeitar o próximo, de ser compassivo com o outro sem pensar em levar vantagens (pelo menos aparentemente, já que isto assegura o reino dos céus e é lá que a justiça divina vingará os fracos!). Assim, a inversão dos valores foi interiorizada por todos, introduzindo a crença nos ideais acéticos e produzindo o sentimento de culpa e má consciência, o que acabou por tornar o sujeito um ressentido com a vida. Viver tornou-se assim uma busca da melhor conduta moral, da verdade e do bem supremo. Segundo Nietzsche a sociedade moderna sofre desta doença da má consciência que cultivou a planta do ressentimento e o sentimento de culpa dentro de si. O bicho-homem passou a se autopunir para poder reprimir os seus impulsos mais profundos e violentos, desta maneira tornou-se amargurado e enfermo com a sua existência.

4.1 A Memória, o Esquecimento e a Violência.

Nietzsche, na Segunda Dissertação, irá fazer uma genealogia do sujeito, através da investigação da história da responsabilidade. O autor começa reiterando o que já havia esboçado na *Segunda Intempestiva*: que o esquecimento é aquele

⁸² “Em Nietzsche, assim como na energética, chama-se “nobre” a energia capaz de transformar” (DELEUZE, *Nietzsche e a Filosofia*, p. 35).

que possibilita uma vida saudável. Assim como o aparelho digestivo, a atividade de esquecer tem como função fazer o homem digerir e metabolizar o alimento de forma benéfica. Esquecer permite, portanto, uma boa absorção das informações recebidas pela consciência (que se dão cada vez em maior velocidade). Com o esquecimento evitam-se muitos males ao corpo e a mente, pois através dele o sujeito é capaz de escapar da subjetividade por alguns instantes. O esquecimento é uma espécie de guardião da boa saúde física e mental, pois é ele que pode fazer o corpo e os instintos falarem sem a intervenção da racionalidade. A diferença da concepção de esquecimento nesta obra com relação à anteriormente estudada, “Sobre a verdade e a mentira”, é que na obra de juventude o esquecimento assume um caráter paradoxal⁸³, pois ao mesmo tempo em que ele petrifica uma metáfora ele também a vivifica. Contudo em *Genealogia da Moral*, Nietzsche irá valorizar a parte positiva de esquecer (como já fizera nas *Extemporâneas*), enfatizando na “Segunda dissertação” que esquecer não se trata de uma simples passividade ou de uma contraposição à memória, ao contrário: o esquecimento atua como uma capacidade ativa do sujeito, permitindo uma boa digestão das idéias, esquecer contribui para uma boa assimilação psíquica do sujeito.

Um pouco de *tábula rasa* da consciência; para que novamente haja lugar para o novo (...) – eis o papel do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica da paz, da etiqueta: como o que se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade⁸⁴, esperança, orgulho, *presente*, sem o esquecimento⁸⁵.

A memória é uma faculdade desenvolvida a partir do esquecimento, sendo oposta a este. O hábito de memorizar advém da promessa uma vez empenhada e que já não-pode-mais-ser-esquecida, ou seja; dentro da sociedade não se pode deixar de cumprir certos compromissos, foi desta forma que o bicho homem se transformou em um indivíduo soberano de sua vontade. Assim o sujeito passou a ter a capacidade de fazer valer sua vontade no porvir, independente do curso das

⁸³ Acredito que este caráter paradoxal do esquecimento permanece em *Genealogia da moral*, pois esquecer tanto pode ter um caráter ativo ou reativo, contudo Nietzsche deseja acentuar o caráter positivo do esquecimento nesta obra, já que o esquecimento sempre foi visto como uma negatividade, um vazio.

⁸⁴ É interessante conferir que nesta citação Nietzsche ainda mantém a mesma idéia de esquecimento da Segunda Intempestiva; isto é; o esquecimento como guardião do novo, como o que possibilita a felicidade, assim como protetor da juventude e da boa saúde. O autor neste trecho apenas constata uma característica que já estava implícita no esquecimento em obras anteriores que é a sua força ativa na criação de novas crenças.

⁸⁵ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p. 48.

coisas. Ele tornou-se responsável por seus atos, pois só desta maneira se pode conquistar credibilidade junto às outras pessoas da sociedade. Trata-se aqui da criação de uma memória ativa que possa garantir que a vontade seja cumprida no futuro, sem a interferência do acaso. Em princípio, a constituição da memória se dava a partir da vontade de querer o que já foi querido outrora, ou seja; ela não era uma simples remissão ao passado, mas sim um lançamento no futuro, uma tentativa do homem de prever e controlar o futuro⁸⁶. Contudo nos tempos modernos, a memória ganhou um papel apenas de repetição e de repressão da vontade, pois o querer é pensado a partir de um armazenamento de premissas morais que o enfraquecem, fazendo do sujeito um ser culpado e ressentido, pois ele deve controlar a violência dos instintos em prol de uma vida em sociedade.

A sociedade moderna obriga o homem a prometer e cumprir a sua palavra, porém para isto acontecer, o ser humano teve de tornar-se constante, uniformizando a sua subjetividade, produzindo identidades e podando suas vontades instintivas. Foi só deste modo que o homem pôde se transformar num indivíduo soberano, autônomo, supramoral e livre. Pela violência o sujeito retém na memória conceitos e verdades que são empurrados mesmo contra a vontade, a fim de se viver os benefícios da sociedade. Contudo, como um indivíduo pode ser livre se está constantemente escravizado pela memória coletiva de seu povo? O homem “livre” é aquele que empenha a sua palavra tendo absoluta certeza de sua realização no futuro. O homem moderno é o fruto maduro “deste tornar-se constante”. Para chegar a este nível e poder se tornar para si mesmo confiável, o homem teve que aprender a calcular o porvir, criar e prever causas e efeitos no mundo. O indivíduo que pode responder por seus atos no futuro tem a sensação de ter alcançado poder e liberdade, ele é o senhor do livre arbítrio. A partir deste domínio de si, o homem adquiriu um domínio das circunstâncias. O homem soberano⁸⁷, consciente de si, condena e despreza os mentirosos, os fracos e os loucos que prometem quando não tem capacidade de cumprir coisa alguma.

⁸⁶ A concepção de memória de Nietzsche, também parece ter sido desenvolvida no decorrer de suas obras, pois a noção de memória como afirmação da vontade já aparece na “Segunda Intempestiva”. O que acontece é que o autor agora através da Genealogia desenvolve um estudo de como foi possível ao animal do esquecimento a invenção da memória.

⁸⁷ “O produto acabado da atividade genérica não é absolutamente o próprio homem responsável ou o homem moral, mas o homem autônomo e super-moral, isto é, aquele que aciona efetivamente suas forças reativas, no qual todas as forças reativas são acionadas. (...) O produto da cultura não é o homem que obedece a lei, mas o indivíduo soberano e legislador que se define pelo poder sobre si mesmo, sobre o destino, sobre a lei; o livre, o leve, o **irresponsável**. Em Nietzsche, a noção de

O orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da *responsabilidade*, a consciência dessa rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e sobre o destino, desceu nele até a sua mais íntima profundidade e tornou-se instinto dominante – como chamará ele a esse instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra para ele? Mas não há dúvida: este homem soberano o chama de sua *consciência*..⁸⁸

A natureza do homem é paradoxal, pois como ele pôde cultivar uma memória sendo um animal do esquecimento? Foi somente pela violência que o bicho homem pôde gravar, memorizar. Através do trauma da punição sofrida ao prejudicar o outro pela quebra de uma promessa, foi possível criar no ser humano uma memória. Portanto foi através de muito sofrimento e violência que o homem teve condições de se tornar “livre”. “Grava-se a ferro e a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória”⁸⁹ e é assim que a sociedade torna algumas idéias fixas, como no ascetismo, por exemplo: “Os procedimentos e ideais ascéticos são meios para livrar tais idéias da concorrência de todas as demais, para fazê-las ‘inesquecíveis’ ”⁹⁰. Os homens sérios de hoje são o reflexo deste passado violento e profundo que precedeu a consciência. A memória foi constituída através de muitos sacrifícios e sangue empenhados em tornar certas idéias fixas. Contudo uma idéia só pode se tornar inesquecível quando fica marcada no corpo⁹¹. É desta forma que se estabelece a lei e o direito, assim como hábitos e costumes morais. As leis penais de cada povo variam de acordo com a capacidade de memorização dos hábitos morais, portanto quanto

responsabilidade, mesmo em sua forma superior, tem o valor limitado de um simples meio; o indivíduo autônomo não é mais responsável por suas forças reativas diante da justiça, ele é o seu senhor, o soberano, o legislador, o autor e o ator. É ele quem fala, não precisa mais **responder**.” (DELEUZE, 1976, p. 114.).

⁸⁸ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p. 50. Foi desta forma que o homem criou uma nova natureza para si (ou uma segunda natureza como ele afirma na *Segunda Intempestiva*).

⁸⁹ Ibid., p. 50.

⁹⁰ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p. 51.

⁹¹ Recomendo o filme “Amnésia” (Memento) do diretor Christopher Nolan, pois este discute a questão da memorização e sua relação com o corpo. No filme o personagem principal não consegue obter uma memória recente das coisas. Ele apenas consegue lembrar do passado que fora anterior à morte de sua esposa (ou pelo menos ele acredita que se lembra...). Assim o personagem tem como obsessão se vingar do assassino da sua esposa (que ele sabe que tem as iniciais J e G). Contudo para poder achar esta pessoa, ele inventa fatos que estariam relacionados a um tal John Gammel. Para não esquecer das lembranças de suas investigações sobre John G., o personagem marca o corpo com tatuagens, que contém as informações que ele precisa lembrar e que assim não podem ser apagadas pelo tempo. O filme foi concebido de traz para frente, de forma que o espectador tenha a mesma sensação de amnésia do personagem, além disso, por estar sempre se esquecendo das coisas, o personagem inventa e reinventa a cada momento sua história conforme manda a sua vontade.

menos memória um povo tem sobre seus costumes, mais severas são as leis penais e as formas de punição aplicada pela justiça. O cumprimento da palavra e da lei existe por parte das pessoas, pois, desta forma, adquire-se o direito de viver e compartilhar dos benefícios que o convívio social proporciona, além disso, o respeito à lei existe na medida em que ninguém quer ser punido, mas sim punir.

4.2 Justiça, Poder e Violência.

Em *Sobre a verdade e a mentira*, texto de 1873, Nietzsche relacionava a criação da consciência, da moral e da verdade ao surgimento de uma necessidade de sobrevivência e também pela sua utilidade na vida em sociedade. Contudo, em *Genealogia da Moral*, o filósofo critica justamente este ponto de vista da utilidade como uma motivação para a invenção de um Bem. Portanto, com a adoção da genealogia como forma de análise, Nietzsche estabelece a *origem* do convívio em sociedade na relação credor-devedor (que no fundo não passa de uma relação de poder entre as forças⁹²). É a partir do momento que o bicho-homem começa a avaliar, medir uma pessoa com a outra dando a cada uma determinado valor, que se estabelecem as primeiras formas de organização social. Assim a relação de débito-crédito é a figura primária do contrato que se estipula entre os homens. Através destes acordos chega-se a seguinte generalização: “cada coisa tem seu preço, tudo pode ser pago” é deste lema que derivará o cânone moral da Justiça.

Estabelecer preços, medir valores, imaginar equivalências, trocar - isso ocupou de tal maneira o mais antigo pensamento do homem, que num certo sentido *constituiu* o pensamento: aí se cultivou a mais velha perspicácia, aí se poderia situar o primeiro impulso do orgulho humano, seu sentimento de primazia diante dos outros animais⁹³.

Aquele que devia e não pagava a sua dívida (atentando, desta forma, contra o credor) tornou-se um criminoso e foi excluído da comunidade, pois o devedor passou a ser uma ameaça à estabilidade. Castigava-se o criminoso como um inimigo de guerra que não tem direito a nenhuma proteção ou benefício. O

⁹² Segundo GIACOIA, 2001(p. 115): “Se não se pode encontrar nenhum limiar mais recuado de civilização em que não sejam reconhecíveis vestígios daquela matriz jurídico-obrigacional do débito e do crédito, então isso implica que o primeiro trabalho formativo que a humanidade exerceu foi um trabalho sobre si mesma: o trabalho dessa mnemotécnica da crueldade”.

⁹³ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p. 59.

sentimento de culpa que hoje é vinculado com o da justiça, naquela época não tinha sentido, o lema da justiça moderna de que “o criminoso merece castigo porque poderia ter agido de outro modo”, não era valorizado pelas primeiras comunidades. Punia-se em princípio, a fim de se reparar uma dívida, assim o criminoso não era punido por ter culpa do seu ato. A punição foi a forma encontrada para reparar o prejuízo obtido por aqueles que descumpriam a palavra. A mentira era condenável quando feria o interesse e causava danos. Ora, o que se estabelece nesta relação com a mentira é a primeira noção de crédito⁹⁴, a qual o devedor deveria dar alguma garantia ao credor como; por exemplo: sua mulher, seu corpo ou uma parte dele, enfim a dívida que era material transformava-se em uma punição a ser cobrada. Punir era a forma encontrada pelos homens para resgatarem suas dívidas. Assim, para Nietzsche, deslocar o conceito de justiça para a origem dos atos bons e maus (como queriam alguns genealogistas) é absurdo, pois, inicialmente, a justiça se dá entre homens cujo poder é relativamente o mesmo. A justiça era um acordo de boa vontade entre eles e um meio deste grupo aumentar o poder sobre os mais fracos. Somente mais adiante (com o cristianismo, iluminismo e todos os outros “ismos”...) a equidade passou a definir a justiça.

A questão que se coloca diante desta concepção de justiça como forma de resgate da dívida é a seguinte: “em que medida pode o sofrimento ser compensação para a dívida?”. Para Nietzsche, o que ocorre neste processo é uma permuta entre o desprazer do credor pelo contra-prazer de fazer sofrer o devedor. Quanto maior a diferença social entre os dois, maior será o prazer da punição, pois aumenta o sentimento de poder daquele que pune. Portanto a substituição de um dano por uma satisfação íntima concedida ao credor, como recompensa e reparação, é o ultraje do devedor. Assim o credor se torna uma autoridade, tendo o direito a essa reparação.

Através da “punição” ao devedor, o credor participa de um *direito dos senhores*, experimenta enfim ele mesmo a sensação exaltada de poder desprezar e maltratar alguém como “inferior” - ou então, no caso em que o poder de execução

⁹⁴ Segundo Deleuze “é no crédito, não na troca que Nietzsche vê o arquétipo da organização social.” (1976, *Nietzsche e a filosofia*, p. 112). Pode-se concordar com Deleuze, pois o crédito pressupõe uma relação de interesse, enquanto a troca traz o sentido de igualdade (“troca justa”).

da pena já passou à “autoridade”, poder ao menos vê-lo desprezado e maltratado. A compensação, portanto, é um convite e um direito à crueldade⁹⁵.

Segundo Nietzsche, os grandes espetáculos de outrora, sempre tinham um ato de crueldade incluído, fosse em casamentos de príncipes ou em autos de fé, toda comemoração necessitava de uma execução ou coisa parecida. “Ver-sofrer faz bem, fazer-sofrer mais bem ainda”⁹⁶. Sem crueldade não existia festa. O sofrimento era um espetáculo para os deuses que se deliciavam com as tragédias humanas⁹⁷. Contudo, a violência que era algo prazeroso para o homem, passou a ser encoberta pelo véu da justiça, da moral e do dever com o decorrer do tempo. A sociedade moderna, ao arrancar a violência como característica do homem na sociedade, passou a interiorizá-la através do sentimento de culpa e má consciência. Neste caso, o criminoso passa a ser aquele que não conseguiu dominar a violência que existe dentro de si e que por isto mesmo merece ser castigado, pois poderia ter agido de outro modo, isto é a justiça⁹⁸. Contudo, como pode deste modo a justiça cumprir o seu papel de ser igualitária e justa ao enquadrar e punir o criminoso em favor de um certo modo de agir que ela impõe? Não estaria, desta forma, sendo injusta a própria justiça? Segundo Nietzsche, acreditar numa pureza da justiça é muito ingênuo, pois a gênese desta se constitui a partir de uma violência. É através de atos desiguais que acabam sendo igualados entre si, que se pode formar um conceito como o de justiça. Esta igualação da diferença já é uma violência. O pensamento moderno de justiça, que aparentemente é tão natural e inevitável “é na verdade uma forma bastante tardia e

⁹⁵ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p.54.

⁹⁶ Ibid., p. 53.

⁹⁷ Indico o filme Clube da luta (Fight Club) do diretor David Fincher. Na trama o personagem principal é um profissional bem sucedido que, apesar de ter todos os seus sonhos de consumo realizados, tem dificuldade para dormir. O personagem pede ao seu médico ajuda para curar sua insônia e o doutor lhe recomenda ir ao grupo de ajuda mútua de pessoas com câncer de testículos, pois “aquilo sim é sofrimento”, diz o médico. Seguindo seu conselho o personagem começa a frequentar grupos de toda espécie de ajuda mútua, assim ele sofre e chora com os outros, mas ao sair ele se sente aliviado, feliz e bem disposto, pois se lembra de que não tem nenhuma daquelas doenças. Assim o personagem consegue alcançar um sono tranquilo novamente, pois agora ele participa de sofrimentos piores que o dele. Seu sono vai bem até ele descobrir outra impostora (Marla Singer) que também é uma frequentadora assídua de tais grupos. Ela passa a refletir para o personagem a sua própria farsa em relação àquilo tudo e o faz perder o sono novamente. E assim ele tem que procurar uma outra forma de sentir prazer com a dor, o que o faz fundar o clube da luta, isto é: uma reunião de homens que sentem prazer na violência e no fazer-sofrer.

⁹⁸ Indico como leitura o conto de Machado de Assis “a causa secreta”, pois trata justamente do prazer na dor e na violência.

mesmo refinada do julgamento e raciocínios humanos, quem desloca para o início, engana-se grosseiramente quanto à psicologia da humanidade antiga”⁹⁹.

4.3 Justiça e Modernidade

A concepção de justiça como um julgamento frio, objetivo e imparcial dos atos é tardia. Segundo Nietzsche, conforme a comunidade vai aumentando seu poder sobre as pessoas através do aprimoramento da consciência de si, ela vai adquirindo mais estabilidade. Assim a importância dada aos desvios individuais vai se tornando insignificante com a formação da sociedade, pois o criminoso não representa mais um perigo iminente de desestruturação da vida social. Se antes o criminoso era punido diretamente pelo prejudicado e afastado do grupo, agora ele é acolhido pela sociedade que desvincula o malfeitor da pessoa prejudicada. O direito penal passa a considerar os atos do criminoso resgatáveis, assim acredita-se que é possível a regeneração do malfeitor¹⁰⁰. Conforme se consegue inserir nos membros da comunidade a noção de responsabilidade e escolha de seus atos (livre arbítrio), as leis se tornam menos rígidas. Se a noção de responsabilidade vier a enfraquecer, ameaçando a estabilidade social, as leis se tornarão mais rigorosas novamente. “O 'credor' se torna sempre mais humano, na medida em que se torna mais rico; e o quanto ele pode suportar de injúria sem sofrer é, por fim, a própria medida de sua riqueza”¹⁰¹. A comunidade que consegue fixar o conceito de responsabilidade em seus membros pode se dar ao luxo de deixar seus parasitas impunes, pois ela tem muito mais força do que eles. Assim a justiça que antes era implacável e temida, faz agora “vistas grossas” aos desvios de conduta e passa a ser a coisa mais bondosa e piedosa que existe (o que Nietzsche caracteriza como auto-supressão da justiça¹⁰²).

⁹⁹ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p.54.

¹⁰⁰ Ibid., p. 64.

¹⁰¹ “O único sentido ativo da responsabilidade-dívida é o desaparecer no movimento pelo qual o homem se libera: o credor libera-se porque participa do direito dos senhores, o devedor libera-se, mesmo ao preço de sua carne e de sua dor; ambos liberam-se, desprendem-se do processo que os adestrou. Este é o movimento geral da cultura: que o meio desapareça do produto. A responsabilidade como responsabilidade diante da lei, a lei como lei da justiça, a justiça como meio da cultura tudo isso desaparece no produto da própria cultura. A moralidade dos costumes produz o homem liberto da moralidade dos costumes, o espírito das leis produz o homem liberto das leis, por isso Nietzsche fala de uma autodestruição da justiça. A cultura é a atividade genérica do homem; mas visto que toda a atividade é seletiva, ela produz o indivíduo como o seu objetivo em que o próprio genérico é suprimido.” (DELEUZE, *Nietzsche e a filosofia*, p. 114).

Para Nietzsche, a justiça como equidade é algo totalmente parcial, pois se pressupõe que todos os afetos são iguais, o que cria inimigos fortes que tem como base outros tipos de sentimentos opostos à concepção de justiça moderna. Ser justo para o homem moderno é apenas uma forma de vingança contra um mal que foi causado no passado, ser justo é ter no sentimento reativo do ressentimento a base de todo julgamento. Contudo, para Nietzsche, este afeto reativo é o último campo que a justiça conquista. Assim a discussão sobre a existência de homens com espírito de justiça, já abordada na *Segunda Intempestiva*, é retomada por Nietzsche. Segundo ele o homem justo é aquele que consegue positivar todos os atos, até mesmo aqueles que o prejudicaram diretamente. Ser justo não implica um julgamento imparcial, frio e objetivo dos fatos, pois este tipo de justiça é apenas um ideal reativo, ou seja, “O homem ativo, violento, excessivo, está sempre bem mais próximo da justiça que o homem reativo; pois ele não necessita em absoluto avaliar seu objeto de modo falso e parcial, como faz, como tem que fazer o homem reativo”¹⁰³. Portanto, o homem forte tem a visão aberta, pois a sua consciência está livre do ressentimento. A pré-história do direito pertenceu a estes homens, pois a criação do direito tinha como objetivo a luta contra o ressentimento reativo dos homens fracos. Assim a justiça era um meio de conter os sentimentos reativos, ela era estabelecida conforme os interesses dos homens fortes, que eram os únicos que poderiam submeter uma enorme quantidade de pessoas em um único ideal, o da sua vontade.

Em toda parte onde se exerce e se mantém a justiça, vemos um poder maior que busca meios de pôr um fim, entre os mais fracos a eles subordinados (grupos ou indivíduos), ao insensato influxo do ressentimento, seja retirando das mãos da vingança o objeto do ressentimento, seja colocando em lugar da vingança a luta contra os inimigos da paz e da ordem, seja imaginando, seja sugerindo ou mesmo forçando compromissos, seja elevando certos equivalentes de prejuízos à categoria de norma, à qual de uma vez por todas passa a ser dirigido o ressentimento.¹⁰⁴

A arma decisiva contra tais sentimentos reativos se dá com a instituição da lei e o estabelecimento do que é permitido e do que é proibido fazer, é a partir daí, que um ato arbitrário passa a ser julgado como justo ou injusto de acordo com a determinação da sociedade. Assim, a justiça deixa de ser um meio para se alcançar

¹⁰³ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p. 63.

¹⁰⁴ Ibid., p. 64.

mais potência e torna-se um “fim em si”, onde se objetiva os atos tendo como base condutas justas. O criminoso passa a ser afastado daquele que prejudicou, e, desta maneira, a justiça torna-se cada vez mais impessoal, imparcial e contra o espírito de vingança. Contudo, não existe sentido em falar de atos justos ou injustos *em si*, pois ser justo é violentar, ofender e explorar. Segundo Nietzsche, a vida por ser constituída por relações de poder, atua justamente violentando, destruindo e explorando. O direito sempre se constitui a partir de uma violência, pois ele não passa de uma exceção, já que ao estabelecer uma determinada lei, restringe-se a outros tipos de manifestações de vontade de vida. Assim, o que ocorre é que o direito que era um meio que possibilitava o aumento de poder de um determinado grupo, passa a ser tido como o próprio fim soberano que deve ser alcançado por todos. O direito passa a ser um “fim em si” porque a vontade sempre visa mais poder, e sendo assim, todos querem alcançar o mesmo poder do grupo dominante; um dos meios de atingir este objetivo seria a igualdade do direito. Porém ao colocar o direito no centro das ações, o homem constrói um conceito metafísico de justiça que adoece e destrói a vida e o futuro do ser humano. Esta concepção tem na lei, um meio contra toda a luta, isto é, um meio para a paz. Porém como se pode pressupor uma paz, se o homem sente prazer em violentar, mesmo quando acredita esta sendo democrático, pois a democracia pressupõe que todas as vontades são iguais, o que é um princípio hostil à vida.

4.4 Castigo e Culpa

Segundo Nietzsche, aqueles que acreditam que o castigo foi inventado para punir os malfeitores e criminosos, e que seus procedimentos violentos foram apenas um meio de efetuar a punição, não entendem que esta finalidade atribuída ao castigo é ingênua, pois a utilidade do castigo se dá de acordo com as configurações de forças que se apropriam deste, portanto o castigo poder ser utilizado para diversos fins.

Castigo como neutralização, como impedimento de novos danos. Castigo como pagamento de um dano ao prejudicado, sob qualquer forma (também na de compensação afetiva). Castigo como isolamento de uma perturbação do equilíbrio, para impedir o alastramento da perturbação. (...) Castigo como festa, ou seja; como ultraje e escárnio de um inimigo finalmente vencido. Castigo como

correção de memória, seja para aquele que sofre o castigo – a chamada “correção”- seja para aqueles que os testemunham¹⁰⁵.

Assim a finalidade do castigo é sempre fluída. Além disso, os procedimentos utilizados no castigo são muito mais antigos do que o próprio castigo, pois é só porque a violência é prazerosa que o homem inventa o castigo. Se o bicho-homem fosse pacífico e generoso por natureza (como quer a modernidade) não se precisaria do castigo. Portanto, o ato de castigar não está relacionado diretamente ao sentimento de culpa e remorso da consciência¹⁰⁶. Ao contrário, o remorso entre criminosos e prisioneiros é raro. Ao ser castigado, o criminoso se torna mais frio e mais resistente a dor. Para Nietzsche, o sentimento de culpa é repellido pelos criminosos, pois a punição só faz o prisioneiro perceber que o mesmo ato de violência que ele pratica nos outros, a justiça também pratica nele. E, contudo, tais ações quando executadas pela justiça são “ações de modo algum reprovadas e condenadas *em si* pelos juízes, mas apenas em certo aspecto e utilização prática”¹⁰⁷. A má-consciência e a culpa não se manifestam no criminoso, ele não pensa que não deveria ter feito o que fez, ao contrário, ele apenas reflete sobre qual parte de seu plano saiu errado, por que ele foi descoberto? O criminoso não sente culpa por ter cometido um delito, pois exterioriza toda a sua violência ao cometer tais crimes. A punição serve apenas, para criar uma prudência no delinquente que, ao ser punido, grava em sua memória a lembrança de que, da próxima vez, agirá de maneira mais cautelosa. Desta forma, ele passa a julgar melhor a si mesmo e as suas fraquezas. Além disso, por muito tempo, o criminoso não era visto como culpado, mas como causador de danos. Assim o castigo é tido por eles, como uma doença que não tem jeito de se escapar, o delituoso enfrenta o castigo de forma fatalista. “O que em geral se consegue com o castigo, em homens e animais, é o acréscimo do medo, a intensificação da prudência, o controle dos desejos: assim o castigo *doma* o homem, mas não o torna “melhor” – com maior razão se afirmaria ao contrário”¹⁰⁸.

¹⁰⁵ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p. 69.

¹⁰⁶ “E do mesmo modo que a justiça não tem o ressentimento como origem, o castigo não tem a má consciência como produto.” (DELEUZE, *Nietzsche e a filosofia*, p. 113).

¹⁰⁷ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p. 70.

¹⁰⁸ Ibid., p. 72.

4.5 Má consciência.

A má consciência, segundo Nietzsche, foi uma doença que o homem criou para poder viver de forma pacífica. Assim ela não representa uma evolução do sujeito, mas sim uma ruptura com os instintos, ela é como uma doença fatal que não se pode lutar contra. Portanto, em princípio, não é um contrato que define a invenção do Estado e da sociedade, mas a violência de alguns homens que se consideram conquistadores e que, por isso, pretendem organizar o resto das pessoas conforme as suas leis. Assim estes homens inserem, em pessoas sem limites e regras, um modo estável de vida através do Estado. Cada personalidade segue a sua vontade, seja ela nômade, por exemplo, ou conquistadora. Contudo, aqueles que desejam conquistar, querem também, moldar as outras vontades conforme os seus desejos, porque tais homens não conseguem viver sem dominar, isto faz parte do que lhes dá prazer. Apesar deste domínio sobre as outras vontades, estes homens conquistadores não são odiados pelos outros, pois é do conhecimento de todos, que eles criam tudo isso, porque no fundo precisam inventar normas, valores, verdades,... , eles têm uma postura artística diante do mundo, como Nietzsche afirma:

Eles não sabem o que é culpa, responsabilidade, consideração, esses organizadores natos; eles são regidos por aquele tremendo egoísmo de artista, que tem o olhar de bronze, e já se crê eternamente justificado na “obra”, como mãe no filho: *Neles* não nasceu a má consciência; isto é mais do que claro – mas *sem* eles, ela não teria nascido, essa planta hedionda, ela não existiria se, sob o peso de seus golpes de martelo, da sua violência de artistas, um enorme *quantum* de liberdade não tivesse sido eliminado do mundo, ou ao menos do campo da visão, e tornado como que latentes¹⁰⁹.

Esta força ativa que faz com que alguns sejam artistas da violência e organizem os Estados, é a mesma que, interiorizada, cria a má consciência¹¹⁰. A má consciência faz o homem construir ideais negativos para sua vida, pois, com ela, a crueldade,

¹⁰⁹ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p. 105.

¹¹⁰ Deleuze ressalta bem a diferença entre o homem violento e o da má consciência: “O escravo precisa das premissas da reação e da negação, do ressentimento e do niilismo para obter uma conclusão aparentemente positiva. E ainda assim ela só tem a aparência da positividade. Por isso Nietzsche esforça-se tanto em distinguir o ressentimento e a agressividade: eles diferem segundo a natureza. O homem do ressentimento precisa conceber um não-eu, em seguida opor-se a esse não-eu para colocar-se enfim como si. Estranho silogismo do escravo: precisa de duas negações para fazer uma aparência de afirmação. Nós já sentimos sob que forma o silogismo do escravo teve tanto sucesso em filosofia: **a dialética**. A dialética como ideologia do ressentimento.” (*Nietzsche e a filosofia*, p. 100/101).

que sempre foi exteriorizada, tem que ser reprimida e voltar-se conta si mesma. A consciência é, justamente, uma interiorização dos impulsos e instintos reguladores da boa saúde. Um animal, que, por exemplo, fosse obrigado a deixar de ser aquático para tornar-se terrestre, tendo que, desta maneira, perder seus instintos, carregar a si mesmo e suportar o peso de seu corpo (pois as águas não os levariam mais), padeceria rapidamente. O ser humano também deixou de lado seus instintos ao reduzi-los a um simples calcular e inferir causa e efeitos. O bicho-homem fora assim diminuído ao seu órgão mais frágil que ele chama de consciência. Os instintos tiveram que arranjar outras formas de manifestar-se. A autopunição de si através da culpa e do ressentimento foi a maneira encontrada por estes impulsos, para conseguirem se reativar. A má consciência é uma forma de vontade de poder dos instintos de se afirmarem, pois “todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* – isto é o que eu chamo de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua ‘alma’”¹¹¹.

O homem foi se tornando cada vez mais profundo e com as bases calcadas pelo Estado acabou isolando seus impulsos mais básicos, passando a considerá-los como nocivos para a sociedade moderna. Portanto para proteger o sujeito de si mesmo (isto é: de sua selvageria, crueldade, egoísmo, hostilidade etc) foi criado toda forma possível de controle dos instintos. Agora quem possui tais impulsos está contra si próprio, pois não se tolera tal comportamento. A solução é controlar esta violência e enclausurá-la no íntimo de sua vontade, pois, mesmo quem quisesse extravasar tal força, iria se frustrar, ao não encontrar inimigos, nem resistências para isto. O lema do “amor ao próximo” e o ideal humanista encheram a Terra de homens não egoístas e a favor da paz, o que fez o ser humano separar-se de vez de seu passado animal. O esquecimento deste passado e a constante lembrança da autopunição tornaram o homem doente e sem vida.

O bicho-homem, com a má consciência, enclausurou-se dentro de si, reprimindo o seu prazer na violência, se auto-torturando. Se no início sua relação com o mundo era sádica, ou seja; o prazer estava em fazer-sofrer, agora a relação é masoquista, pois, o homem violenta-se a si próprio, ao impedir que tais impulsos se exteriorizem. A religião foi uma forma encontrada pelo homem da má consciência para que este pudesse se auto-martirizar e violentar-se melhor. Para a

¹¹¹ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p. 73.

religião, os instintos animais são intoleráveis, desta forma o sujeito reinterpreta tais impulsos através do sentimento de culpa por-não-conseguir-livrar-se-destes-instintos. A vontade do homem se volta assim para a crueldade psíquica de que a penitência e a expiação do castigo nunca são suficientes, pois os sentimentos de culpabilidade e de responsabilidade não param de se manifestar.

Nietzsche investiga assim, as formas de poder que possibilitaram a criação da má consciência. Segundo ele, a antiga relação credor-devedor criou uma dívida da tribo com seus antepassados e com tudo o que eles fizeram para fundar e manter a comunidade unida e em paz. Os mais antigos passaram a serem vistos como espíritos poderosos, semideuses, que podem garantir o futuro do grupo. Assim tudo de bom que acontecia para a comunidade era visto como uma dádiva de algum antepassado. Em troca de toda essa bondade, o povo devia pagar com sacrifícios, homenagens, festas, hábitos e costumes. Quanto maior o crescimento daquela comunidade, maior o poder, a dívida e medo dos ancestrais. Contudo, assim como são responsáveis pelos acontecimentos fortuitos, os ancestrais também carregavam a responsabilidade dos acasos infelizes que podiam ocorrer ao grupo o que os enfraquecia como ídolos. Nesse primeiro momento da comunidade a relação com os deuses era de temor, pois não existia piedade. Somente quando os nobres passaram a restituir os deuses com juros, é que aconteceu o enobrecimento e a aristocratização da religião. Assim a dívida torna-se infinita.

A humanidade foi herdando todas as dívidas das eras tribais e familiares (as quais os nobres estabeleceram aquilo que é bom e aquilo que é ruim, assim como inventaram as hierarquias). A dívida resgatada passou a ser tanta, que até os escravos eram submetidos à adoração dos deuses de seus senhores. Assim, a culpa foi crescendo, até atingir seu cume com o cristianismo. O Deus piedoso dos cristãos fez com que essa dívida com Deus se tornasse irreparável, pois Deus é bom e, por isso, Ele não quer que paguem a dívida. Assim o homem ficou impotente diante de Deus e passou a se sentir mais culpado, pois ele não passa de um ser maldoso e sujo comparado à infinita piedade divina. Nietzsche chega a pensar no ateísmo como uma solução, pois se o homem eliminasse os deuses estaria isento da dívida. Contudo, para além do medo ou da piedade divina, o sentimento de culpa se interiorizou no homem através da moralização dos atos e do dever, portanto não bastaria para o homem desacreditar em Deus para livrar-se

dos sentimentos reativos, pois a consciência já está tomada por tal pathos. Assim tais noções reativas se instauram de vez na má consciência, tornando o sujeito um pessimista, uma pessoa que dá sentido para sua vida através de ideais ascéticos¹¹². No devedor a culpa surgiu, pois ele não conseguia pagar sua dívida, já o credor sentia culpa pela dívida que tinha com seu ancestral. O homem diante deste afeto cada vez mais forte encontrava-se perturbado e confuso, quando, subitamente, ele foi surpreendido com a visão de um Deus se sacrificando por todas as suas dívidas e culpas, pagando-as com a própria vida! E assim o sujeito transferiu a sua dívida ao Deus cristão, o homem passou a ser eternamente grato por Sua bondade. O sujeito ficou preso às normas e regras impostas pelo cristianismo, o que fez dele um ser enfermo.

Nietzsche não pretende com essa crítica que se extingam todas as formas de religião, ou crenças; pois o homem necessita das crenças para continuar vivendo feliz. Como já vimos no primeiro capítulo, o homem constrói um mundo estável a partir do esquecimento de que tudo é criado, ou seja; de que tudo o que o sujeito acredita conhecer não passa de uma ficção (deste modo a partir da crença). Portanto o esquecimento possibilita não só a sobrevivência do homem como também ajuda na potência criativa. Contudo, existem outras maneiras de fazer uso dos deuses em prol de uma boa saúde. Os gregos antigos, por exemplo; apropriavam-se dos deuses para justificar os atos de um malfeitor; assim, a explicação para os delitos cometidos era de que um deus teria enlouquecido tal homem. Os deuses gregos, desta maneira, tomavam para si a culpa do criminoso, além disso; eles afirmavam a crueldade, pois esta era um saboroso espetáculo que os seres humanos podiam oferecer-lhes.

4.6 A boa saúde.

Nietzsche não pretende alimentar ilusões pessimistas, quando afirma ser a crueldade um prazer do homem, pois os pessimistas poderiam alegar que se a vida é dor e crueldade é melhor não vivê-la. Para o autor, este prazer na dor e na crueldade é um impulso que deve ser afirmado e não negado. O homem moderno é pessimista, pois se envergonha de tal violência, achando que assim se tornará

¹¹² A terceira dissertação de *Genealogia da moral* trata destes ideais ascéticos.

bom, justo, anjo. A inocência e alegria do animal lhe são repulsivas. Recusando-se a extravasar sua violência, o sujeito moderno desenvolveu um estômago arruinado, sua cultura baseia-se totalmente na lembrança, no cumprimento do dever, da responsabilidade, do livre arbítrio e da moralidade dos costumes, não existe mais o direito de esquecer, isto é; de não cumprir promessas. Segundo Nietzsche, o homem moderno é quase um dispéptico, pois sua capacidade de digestão, de esquecimento, não funciona mais plenamente, o que põe em risco a sua saúde físico/mental. O sujeito bem que tentou aniquilar seu lado violento, porém o prazer na crueldade não foi extinto do sentimento moderno, mas somente transportado para dentro do homem, para o plano da consciência. Assim sob o nome da compaixão, o sujeito mascara o seu prazer na dor, pois ele passa a se punir e se violentar em prol deste sentimento de solidariedade com o próximo.

Hoje em dia, quando o sofrimento é sempre lembrado como o primeiro argumento contra a existência, como o seu maior ponto de interrogação, é bom recordar as épocas em que se julgava o contrário, porque não se precedia do fazer-sofrer, e via-se nele um encanto de primeira ordem, um chamariz à vida. Talvez então - direi para consolo dos fracotes - a dor não doesse como hoje; ao menos é o que poderia concluir um médico que tratou negros (tomados aqui como representantes do homem pré-histórico) vítimas de graves infecções internas, que levariam ao desespero os mais robustos europeus – o que não acontece com os negros¹¹³.

Na modernidade a dor é mais intensamente sofrida, necessitando de uma sublimação para assim ser justificada. O sofrimento precisa de um sentido, de um “deus”, que no caso da modernidade é ser moralmente correto e justo: “ser justo para fazer o bem e justificar o mal feito por meus ancestrais”. É a partir desta justificativa que o homem pode viver. Porém, segundo Nietzsche a boa saúde do sujeito só pode ser alcançada com uma alguma dose de esquecimento, pois desta forma o homem pode eliminar o sentimento de culpa e vingança que o corrói por dentro e que o torna sério diante da vida. Vivemos numa cultura¹¹⁴ do cultivo da memória; é claro que esta é importante para a própria sobrevivência da espécie humana, porém não em excesso. Um exemplo, de um bom uso da memória é a

¹¹³ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p. 57.

¹¹⁴ Deleuze distingue três funções da cultura na história em Nietzsche: “1.º A cultura como atividade pré-histórica ou genérica, tarefa de adestramento e seleção; 2.º o meio utilizado por essa atividade, a equação do castigo, a relação da dívida, o homem responsável; 3.º o produto dessa atividade; o homem ativo, livre e poderoso, o homem que pode prometer.” (*Nietzsche e a filosofia*, p. 112).

própria genealogia que ao ativar a lembrança, constrói uma nova relação de interpretação do fato. Sendo assim, se o homem é o animal do esquecimento, quando ele rememora, na verdade ele está recriando o passado. Portanto fazer uma genealogia é inventar novos valores para o que já passou, ou seja, para o que temos calcado na memória, pois assim pode-se transformar a lembrança de um trauma e sua ligação com o sentimento de culpa em uma outra relação que esteja ligada com a afirmação daquele passado, criando desta maneira uma nova interpretação do que ficou marcado. A genealogia é um antídoto que, tem como característica a dosagem adequada de rememoração e de esquecimento, devendo ser utilizada para obterem-se novas formas de criação, de potência de vida. Portanto isto que aqui apresentei também é um ideal construído, como o próprio Nietzsche comenta em *Genealogia da moral*: “Para se erigir um santuário, é preciso antes destruir um santuário: essa é a lei”.

Diferente dos genealogistas que confundem origem com finalidade, para Nietzsche, a genealogia trata de coisas distintas ao falar de origem, finalidade e utilidade final. Para ele gênese e finalidade são diferentes, já que, tudo que existe, está sempre se reinventando; isto é, está sempre sendo reinterpretado e utilizado de novas maneiras. Portanto a finalidade está sempre sendo reapropriada por um novo poder. “(...) todo acontecimento do mundo orgânico é um *subjugar* e um *assenhorear-se*, e todo subjugar e assenhorear-se é uma nova interpretação, um ajuste, no qual o sentido” e a “finalidade” anteriores são necessariamente obscurecidos ou obliterados”¹¹⁵. Portanto, a crença de que a utilidade de uma determinada coisa ou conceito se refere à sua gênese é equivocada, pois não existe um processo lógico ou uma evolução para as coisas, mas sim uma cadeia de significações e de múltiplos sentidos que, apropriam-se, apoderam-se e imprimem às coisas um novo significado a cada instante (que por sua vez não precisa ter necessariamente um encadeamento lógico ou pressupor causas anteriores). Assim os processos de subjulgamento são múltiplos e trazem consigo resistências e metamorfoses. Para Nietzsche, o progresso só pode ser compreendido como uma relação de forças, na qual a força mais potente sai vitoriosa e consegue avançar e impor o poder de sua vontade. Contudo, a forma democrática de encarar o mundo do homem moderno, fez com que o homem *se adaptasse* a essa anulação das

¹¹⁵ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p. 66.

forças e passasse a considerar primeiramente a adaptação e, secundariamente, a atividade da vontade.

Mas com isso se desconhece a essência da vida, a sua *vontade de poder*, com isto na se percebe a primazia fundamental das forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas interpretações e direções, forças cuja ação necessariamente precede a “adaptação”; com isso se nega, no próprio organismo, o papel dominante dos mais altos funcionários, aqueles nos quais a vontade de vida aparece ativa e conformadora¹¹⁶.

Os homens modernos estão tão impregnados da herança da má consciência que não conseguiriam experimentar a inversão da má consciência. Para Nietzsche, será preciso existir outros tipos de homens que tenham como virtudes o espírito guerreiro, o egoísmo, a petulância, pois só desta forma a vontade pode ser afirmada e potencializada. A esperança nos espíritos jovens ainda é mantida pelo filósofo, que acredita que somente no futuro o sujeito poderá livrar-se dos sentimentos reativos que foram inventados e empurrados ao longo do tempo. A má consciência para o filósofo é uma doença como a gravidez, ou seja; ela foi gerada pelo próprio homem, ela é uma de suas criações. Contudo, assim como a gestação é um estado temporário do corpo, na qual o organismo se volta totalmente para o ser que está para nascer (e que, diga-se de passagem, é um outro ser diferente do progenitor); a má consciência é um fruto tardio do homem e que ele não deve confundir com si mesmo. O ressentimento e a culpa surgem através do cultivo da má consciência que, ao tentar afastar a violência da *natureza* do homem, está na verdade cometendo outra violência; assim o sujeito ao pacificar-se termina por reafirmar este impulso na dor. Portanto para o homem poder livrar-se desta sua criação nociva que é a má consciência, ele precisa aprender que negar a sua vontade e sua violência é, simplesmente, concebe-la de modo reativo. Somente interrompendo esta cadeia de sentimentos reativos, que foram inventados para expressar a violência, é que poderá o sujeito, voltar a fazer novas criações que partam de uma nova lógica de vida. Portanto, o resgate de uma boa saúde do homem se dá através de um esquecimento e de uma memória seletivas, pois assim como o homem deve lembrar-se de certas coisas que positivem sua existência, ele também precisa em certas horas livrar-se de das lembranças nocivas para poder criar. A memorização e o esquecimento utilizados adequadamente pelo sujeito

¹¹⁶ Nietzsche, *Genealogia da moral*, p. 67.

proporcionam-lhe uma nova forma de encarar o mundo e a vida, sem o peso da culpa e do remorso. Portanto o sujeito inventa e transforma tudo em verdade através do esquecimento e, por isso mesmo, até o que ele rememora é uma invenção, pois o próprio ato de esquecer está contido na memória. A lembrança é, desta maneira, sempre uma invenção, uma nova conexão das imagens que marcam o corpo¹¹⁷.

¹¹⁷ “Toda força está em relação com outras, quer para obedecer, quer para comandar. O que define um corpo é esta relação entre forças dominantes e forças dominadas. Toda relação de forças constitui um corpo: químico, biológico, social e político. Duas forças quaisquer, sendo desiguais, constituem um corpo desde que entrem em relação; por isso o corpo é sempre o fruto do acaso, no sentido nietzscheano, e aparece como a coisa mais “surpreendente”, muito mais surpreendente na verdade do que a consciência e o espírito”. (DELEUZE, *Nietzsche e a filosofia*, p. 33).